

Uma história que une o Brasil e o Japão



Introdução: 23 de julho de 1925, um menino de 13 anos se despede da sua terra. Enquanto o navio se afastava da costa, ele observou o Japão diminuindo cada vez mais no horizonte. Todas as suas memórias, as pessoas que ele conhecia, as paisagens às quais estava acostumado, tudo foi se tornando cada vez mais distante. Decorrido 100 anos, em 2 de agosto de 2025, uma moça acaba de chegar a este mesmo lugar em busca de suas raízes. Ela procura informações sobre o seu bisavô, que emigrou para o Brasil em 23 de julho de 1925.

Olá! Eu sou a Marina, Coordenadora de Relações Internacionais na Província de Mie. Nesta edição da nossa Newsletter, eu gostaria de falar um pouco sobre a história da imigração japonesa ao Brasil. O menino mencionado na introdução, na verdade, é o meu bisavô. No verão do ano passado, eu tive a oportunidade de visitar o porto pelo qual ele partiu em direção ao Brasil em 1925 enquanto imigrante e consegui encontrar o nome dele no livro de registros de passageiros. Ele tinha apenas 13 anos, então não emigrou ao Brasil por decisão própria. Ele embarcou junto com o seu irmão mais velho. Mesmo assim, foi esta decisão de tentar a vida no Brasil – tomada há mais de 100 anos – que me fez ser quem eu sou hoje e me trouxe até onde estou no momento. Por isso, hoje eu gostaria de compartilhar as minhas raízes e contar essa história a partir da trajetória da minha família.

História da Imigração

Em 1908, chegou ao Porto de Santos o navio “Kasato Maru”, trazendo 781 imigrantes japoneses, os primeiros a virem para o Brasil. Na época, as fazendas brasileiras de café estavam com falta de mão de obra, enquanto o Japão estava passando por uma crise econômica decorrente do aumento populacional e da falta de alimentos. Muitos dos imigrantes japoneses decidiram emigrar ao Brasil com a esperança de conseguir melhores condições de vida para as suas famílias.

No entanto, a rotina no Brasil foi mais dura do que se poderia imaginar. Somadas às longas horas de trabalho manual nas plantações, havia também as dificuldades relacionadas à alimentação, ao idioma, à baixa remuneração, entre tantos outros desafios que os imigrantes precisavam superar diariamente. Minha avó costumava me contar que eles não tinham dinheiro para comprar comida e, por isso, plantavam vegetais e soja para se alimentarem. Inclusive, eles faziam shoyu e missô de forma caseira para complementar a sua alimentação diária.



A vida construída através do esforço

Após anos de trabalho árduo, muitas vezes debaixo de um sol quente, começando bem cedo pela manhã e terminando somente ao anoitecer, muitos imigrantes conseguiram deixar as fazendas e alcançar estabilidade nas cidades.

O meu bisavô cresceu no Brasil e, depois de se casar, começou um pequeno comércio na cidade de Campinas. Com a ajuda da esposa e dos filhos, ele abria a loja ainda de madrugada e fechava tarde da noite. Vendia pão, verduras, doces e bebidas. Essa loja continua aberta até hoje, mais de 50 anos depois, sendo administrada diariamente pela minha avó. Quando eu era pequena, costumava brincar com meus primos em frente à loja e ganhar doces do meu avô.

Mesmo enfrentando muitas dificuldades, os descendentes de japoneses sempre valorizaram a educação de seus filhos. Esse esforço deu frutos e, atualmente, *nikkeis* atuam em diversas áreas, como política, economia e medicina, contribuindo muito para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

A cultura *Nikkei* que pulsa no Brasil

Assim como muitos japoneses emigrados para o Brasil, o meu bisavô carregou a cultura japonesa em seu coração. Na casa da minha família, o *shoyu* era um item básico na cozinha. Ao mesmo tempo em que a culinária brasileira fazia parte da nossa rotina alimentar, também comíamos conservas (*tsukemono*) feitas pela minha avó, curry japonês, *onigiri*, sopa de missô e muitos outros pratos japoneses. Na loja, meu avô costumava escutar *Enka*, ainda que os clientes achassem graça naquele estilo musical. A forma de se comunicar também era diferente, misturava-se português com expressões em japonês. E isso não diz respeito somente à minha família, na realidade isso descreve toda uma cultura que é comum aos mais de 2 milhões de descendentes de japoneses que vivem no Brasil.

Mesmo que os imigrantes tenham deixado o Japão, eles nunca o deixaram de ter no coração e na mente. Adaptaram-se e aprenderam sobre a cultura brasileira, mas também transmitiram a beleza da cultura japonesa às gerações seguintes.

As inúmeras Associações Culturais Nipo-Brasileiras no Brasil contribuíram para manter viva tradições culturais como o *Taiko* e a dança *Soran Bushi*. Em São Paulo, o “Festival do Japão” recebe quase 200 mil visitantes em três dias de evento. Sem mencionar, ainda, a popularidade da comida japonesa no Brasil. E é assim que, mesmo em uma terra tão distante,

por dedicação e perseverança dos *Nikkeis*, a cultura japonesa continua pulsante e sendo passada de geração em geração. Importante notar, no entanto, que ela não é estática. A cultura é viva e, sendo viva ela se transforma, se remodela todos os dias. Tem-se hoje o que se pode chamar de “cultura *Nikkei*”, que nasce justamente dessa combinação entre elementos da cultura japonesa e da brasileira. Para mim, essa cultura conta a história da minha família e define as minhas raízes, da qual tenho muito orgulho.

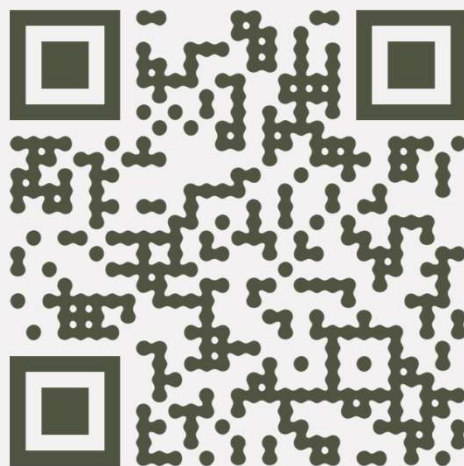
Reflexão Final

A emigração japonesa ao Brasil, assim como muitas outras, é uma história sobre coragem e esperança. Crescendo dentro da comunidade *Nikkei*, eu aprendi que respeitar e valorizar outra cultura não significa abrir mão da sua própria. A diversidade tem o poder de ampliar os nossos horizontes e nos dar uma quantidade maior de caminhos e possibilidades para buscarmos aquilo que mais faz sentido em nossa jornada pela vida. Além disso, ela é indispensável para podermos viver em paz e harmonia em um mundo tantas formas diferentes formas de pensar. Eu vi e senti a riqueza que é viver entre culturas diferentes e, por isso, busco contribuir para a construção de uma sociedade em que todos possam ter orgulho de suas raízes – seja elas quais forem – e sejam receptivos ao que é diferente.



Envie o seu comentário!

Não deixe de compartilhar a sua opinião conosco. Pode ser que o seu comentário seja publicado na próxima edição 😊



M u l t i c u l t u r a l M i e

